



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS – CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

GIOVANI DA LUZ LOBO PANTOJA

**SEGREGAÇÃO SOCIO-ESPACIAL E ASPECTOS INTRAURBANOS: Por
dentro do conjunto habitacional parque encantado em Cametá-PA**

CAMETÁ- 2024

GIOVANI DA LUZ LOBO PANTOJA

**SEGREGAÇÃO SOCIO ESPACIAL E ASPECTOS INTRAURBANOS: por dentro
do conjunto habitacional parque encantado em Cametá -PA**

.

Trabalho de conclusão de curso de licenciatura plena em geografia, da universidade federal do Pará campus do Tocantins Cametá, apresentado a faculdade de geografia como requisito para a obtenção do título de licenciado pleno em geografia

Orientador: Prof. Dr. Marcel Ribeiro Padinha

CAMETÁ- 2024

GIOVANI DA LUZ LOBO PANTOJA

SEGREGAÇÃO SOCIO ESPACIAL E ASPECTOS INTRAURBANOS: por dentro do conjunto habitacional parque encantado em Cametá -PA

Trabalho de conclusão de curso de licenciatura plena em geografia, da universidade federal do Pará campus do Tocantins Cametá, apresentado a faculdade de geografia como requisito para a obtenção do título de licenciado pleno em geografia

Orientador: Prof. Dr. Marcel Ribeiro Padinha

Aprovado em _____.

Banca Examinadora:

Orientador

Avaliador

Avaliador

Dedico este trabalho as famílias que habitam as periferias do Brasil, em especial as famílias que moram no conjunto parque encantado em Cametá-PA, onde realizei esta pesquisa, a minha mãe e pai, esposa, irmãos, amigos e amigas e em memória de Edileno Américo Viana.

AGRADECIMENTOS

Neste momento me faltam palavras para expressar todo o carinho e agradecimento a todas as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui, mas aqui lembrarei de cada um. Primeiramente quero dizer que não sou religioso, mas tenho minha religiosidade, minhas conversas rasas e rápidas com deus e nossa senhora de Nazaré em muitos momentos me despertaram nessa caminhada, por isso é a eles que agradeço primeiro, minha Mãe Ofélia Lobo e meu Pai Ginaldo Pantoja, pessoas que não tiveram muitas oportunidades de estudar e assim escolher o que quisesse fazer, mas lutaram e deram suas vidas para garanti e multiplicar essas mesmas oportunidades para mim e meus irmãos, por isso agradeço e também dedico este trabalho a eles.

Minha esposa Edilena silva, a quem eu tenho profundo amor e admiração venceu suas dificuldades também graças ao estudo e hoje me apoia e me serve de inspiração. A minha querida filha Rita por quem acordo todos os dias e luto para dar-lhe uma vida confortável, aos meus irmão George, Geiferson, Renê e Renata, eternos parceiros de vivencia, crescemos respeitando um ao outro e vibrando por cada conquista que tivemos e com as que ainda virão.

A minha amiga Maria Borges, a qual tive a grata felicidade de conhecer, foi implacável nas cobranças para que eu terminasse este trabalho e por isso a ela agradeço, aos meus colegas de turma, Cesar Araujo, Eline Vulcão, Brendo Garcia, Caroline melo, Euller Rodrigues, Maylsom Nabiça, Aurilane Maués, Eduardo Vinícios, Carol Cruz, pessoas que se tornaram minha segunda família porque manifestamos carinho cuidado, como nunca vi antes e por isso a eles eu agradeço.

Agradeço a faculdade de geografia nas pessoas de: Gilvane Rodrigues, Profº. Dr. José Carlos Cordovil, Profº. Dr. Mario Junior de Carvalho Arnoud, Profº. Dr. Marcel Ribeiro Padinha, Profº, Dr. Rosivandersom Corrêa, Profº. Dr. Ivamauro Sousa Silva, Profº Dr. Edir Pereira, Profª Me. Carla Braga, Profº Me. Franklen Santos, profº Me. Arley Martins. E também a outros professores não oriundos da faculdade de geografia, mas que contribuíram imensamente para nossa formação de professores.

RESUMO

O presente trabalho apresenta-nos dados, informações e reflexões sobre a questão da segregação socioespacial na cidade de Cametá. Como recorte de estudo foi escolhido o Conjunto Habitacional Parque Encantado. A segregação socioespacial se manifesta de várias formas, é a separação das classes sociais em determinados áreas/espços da cidade, onde os mais pobres acabam ficando em porções menos assistidas pelo poder público da cidade e tendo maiores dificuldades de acesso a serviços essenciais. Nosso objetivo é estudar esse fenômeno e ao mesmo tempo constatar que a segregação socioespacial se manifesta de forma muito evidente no espaço urbano da cidade de Cametá. Este trabalho contou com levantamento e revisão bibliográfica; entrevistas semiestruturadas e técnica e análise de imagens de satélite e confecção de mapas e tabela de dados, além da aplicação de questionário semiestruturado. O estudo atesta a intensidade da segregação socioespacial na cidade de Cametá, tendo em vista a precarização socioespacial a que estão relegadas as pessoas que habitam o bairro estudado. A pesquisa nos possibilitou perceber os moradores do bairro Parque Encantado como agentes sociais vulneráveis, estando segregadas dentro do espaço da cidade. Os resultados da pesquisa mostram que os moradores do conjunto parque encantado tem dificuldades de acesso à serviços essenciais como educação, saúde saneamento, água, energia elétrica e demonstra o descaso dos agentes do poder público municipal.

Palavras-chave: segregação socioespacial, espaço urbano, cidade de Cametá, bairro Parque Encantado.

ABSTRACT

This work presents us with data, information and reflections on the issue of socio-spatial segregation in the city of Cametá. The Parque Encantado Housing Complex was chosen as a study area. Socio-spatial segregation manifests itself in several ways, it is the separation of social classes in certain areas/spaces of the city, where the poorest end up in areas less assisted by the city's public authorities and having greater difficulties in accessing essential services. Our objective is to study this phenomenon and at the same time verify that socio-spatial segregation manifests itself in a very evident way in the urban space of the city of Cametá. This work included a bibliographical survey and review; semi-structured interviews and technique and analysis of satellite images and creation of maps and data tables, in addition to the application of a semi-structured questionnaire. The study attests to the intensity of socio-spatial segregation in the city of Cametá, given the socio-spatial precariousness to which people living in the studied neighborhood are relegated. The research allowed us to perceive the residents of the Parque Encantado neighborhood as vulnerable social agents, being segregated within the city space. The research results show that residents of the enchanted park complex have difficulties accessing essential services such as education, health, sanitation, water, electricity and demonstrate the negligence of municipal public authorities.

Keywords: socio-spatial segregation, urban space, city of Cametá, Parque Encantado neighborhood.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. O ESPAÇO: Entre objetos e ações e construção do espaço.....	10
1.1 O ESPAÇO URBANO; caracterizações iniciais.....	15
1.2 O ESPAÇO URBANO: aprofundamentos necessários.....	19
2. O ESPAÇO URBANO AMAZÔNIDA: SEGREGAÇÃO OU FRAGMENTAÇÃO?.....	20
2.1 CIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA.....	24
3. CARACTERIZAÇÃO GEOGRAFICA DA CIDADE DE CAMETA: aspectos interurbanos. ENTRE ENCANTOS E DESENCANTOS.....	27
3.1 LENDO A PAISAGEM, INTERPRETANDO O ESPAÇO: por dentro do conjunto parque Encantado.....	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5. REFERÊNCIAS.....	39
6. APAÊDICE.....	41

INTRUDUÇÃO

A construção do Espaço urbano no Brasil é feita por diferentes agentes, dentro do espaço urbano construído ocorrem variados fenômenos, entre eles a Segregação socioespacial. O objeto de pesquisa deste trabalho é a segregação socioespacial na cidade de Cametá. Procuramos entender, como o fenômeno da segregação socioespacial se manifesta em uma cidade ribeirinha, de porte médio, do interior da Amazônia oriental? Buscando para tanto discutir e analisar os processos a partir da identificação dos agentes responsáveis pelas ações no espaço geográfico em questão, qual seja, o espaço intraurbano da cidade de Cametá.

Como justificativa para a elaboração deste trabalho, entendemos que a cidade de Cametá se expande em maior proporção em sua forma horizontal, deste modo identificamos em pesquisa bibliográfica que na maioria das cidades do Brasil essa expansão horizontal surge com a porção mais pobre da população, seja por ocupação de terrenos não produtivos, habitações populares não acabadas, enfim o fato é que a grande maioria da população hoje ocupa as periferias das cidades, tendo em vista este fato e ciente de que a segregação sócio espacial se manifesta inúmeras porções da cidade, entende-se que seja necessário identificar os agentes envolvidos neste processo, ou seja, aquele que segrega e o que é segregado.

A metodologia utilizada neste trabalho consistiu em levantamento bibliográfico para entender o processo de segregação socio espacial, identificar por meio de imagem de satélite e confecção de mapas a área de estudo e dessa forma constatar se ela está ou não distante do centro da cidade, trabalho em campo para obter informações sobre a qualidade de vida das famílias e o nível de satisfação delas em relação a assistência por parte da prefeitura no local, para isso foi utilizado um roteiro de perguntas semiestruturadas, que nos proporcionou uma coleta de dados quantitativos e qualitativo.

Os resultados obtidos neste trabalho foram a identificação do processo de segregação socio espacial na cidade de Cametá, a verificação e comprovação da má qualidade de vida das famílias que habitam o local de estudo, os motivos que levam as pessoas a morar nesses locais, e a localização dos lugares segregados.

Os motivos que levaram à escolha do local de estudo não remetem emoções pessoais, tais como parentescos e amizades que por ventura possam habitar este local, a questão principal neste sentido é a inquietude ao observar a disposição espacial da cidade junto as diferentes classes sociais que habitam o espaço urbano de Cametá. O conjunto parque encantado oferece informações e características que remetem a segregação socio espacial, é um bairro oriundo de ocupação, afastado da cidade que não conta com serviços essenciais para uma vida minimamente digna de conforto.

A cidade de Cametá é histórica, uma cidade documento, tendo grande importâncias em momentos históricos da formação territorial e política do Estado do PARÁ, localizada a margem esquerda do rio Tocantins sua disposição espacial sempre contou com o centro da cidade, onde as atividades mais importantes se desdobram e ao redor do centro se formaram os bairros periféricos por conta do crescimento demográfico. Essa disposição espacial continua se organizando da mesma forma, mas dessa vez ganhando contornos diferentes, se espraiando e verticalizando, envolvendo agentes velhos e novos, nessa construção do espaço urbano de Cametá.

CAPÍTULO 1- O ESPAÇO: Entre objetos e ações e construção do espaço.

O espaço geográfico sempre foi um conceito que gerou debates amplos e dinâmicos do ponto de vista das variadas ideias propostas para se entender não apenas o espaço geográfico, mas também a própria geografia, em busca dessas respostas (SANTOS, 2020) propões um entendimento do espaço geográfico sobre variadas frentes.

Diante dessa proposta como primeira hipótese (SANTOS, 2020) destaca os fixos e fluxos como uma primeira maneira de compreensão do espaço, pois os elementos fixos fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que criam e/ou recriam condições ambientais e sociais, redefinem cada lugar. Dessa forma os fluxos se hospedam ou perpassam pelos fixos deixando rastros de atividade direta ou indireta.

Outra hipótese de compreensão do espaço proposta por (SANTOS, 2020) são de um lado as configurações territoriais e de outro as relações sociais, esse autor fala que a configuração territorial não é o espaço, sua existência material é incontestável e própria, mas sua existência social não, isto é, apenas é reconhecida como espaço quando também existe ali relações sociais.

As configurações territoriais eram conhecidas como “conjunto de complexos naturais” (SANTOS, 2020), mas ao decorrer do tempo essas configurações territoriais se fizeram humanizadas, o homem passou a ocupar esses espaços que antes eram naturais e agora se fazem cada vez mais anômalo, como verdadeiras “próteses” que substituem o que antes era natural, diante desse processo histórico de mudanças as configurações geográficas passaram a ser negadas como naturais onde por gênese se mostraram.

Frente ao leque de conjuntura de teorias, conceitos e métodos para definir o espaço geográfico, (SANTOS, 2020.) propõe que a esta disciplina cabe estudar o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que formam o espaço, ele alerta para que esses conjuntos sejam estudados de forma contígua e reitera que, o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.

Em virtude das transformações que o mundo sofreu durante este processo histórico muitos estudiosos se perguntam como seria o espaço daqui a um tempo? (SANTOS, 2020.) diz que o espaço a época era um sistema de objetos cada vez mais artificial, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídas de artificialidades, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e seus habitantes.

Essa fala se faz atual. Semelhante a isto se pode dizer que esse autor está também se referindo as regiões funcionais muito presentes no estado do Pará, isto é, uma região que foi criada em um dado lugar com o um objetivo para desempenhar uma função e atender a um mercado. Essas regiões são escolhidas por sua localização geográfica como é o caso do município de Barcarena ao norte do estado do Pará, ou pela riqueza em minerais como é o caso da serra dos Carajás sudeste do Pará.

A transformação do espaço segundo (SANTOS, 2020.) se dá por meio de sistemas de objetos e sistemas de ações. Neste caso, objeto, seria o fruto do trabalho realizado, e paralelo aos objetos estariam as “coisas” oriundas da natureza, logo por tanto os objetos estariam cada vez mais tomando o lugar das coisas que como dadas da natureza reinavam soberanas, mais isto mudou e agora as coisas estão dando lugar a objetos.

Dessa forma a natureza se transforma em um sistema de objetos e não mais de coisas, isto quer dizer que com o avanço da técnica, variadas áreas do conhecimento humano alcançaram a inovação, esta inovação logo nos convence de que devemos substituir coisas naturais por objetos artificiais, este pensamento ocorre no cotidiano das pessoas e é impulsionado por variados vetores. Nessa linha de pensamento, (SANTOS, 2020) pergunta o que é um objeto geográfico? A o que responde,

“Os objetos que interessam a geografia não são apenas objetos móveis, mas também imóveis, tal como uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem, um porto, uma floresta, uma plantação, um lago, uma montanha. Tudo isso são objetos geográficos. Esses objetos geográficos são do domínio tanto do que se chama geografia física como do domínio que se chama geografia humana e através da história desses objetos, isto é, da forma como foram produzidos e mudam, essa geografia física e essa geografia humana se encontram.

Para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da terra, toda a herança da história natural e todo o resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma exterioridade”. (SANTOS, 2020, p.72.)

Partindo do princípio de que entendemos que o espaço é um sistema de objetos e de ações, vamos então discorrer sobre o que diz (SANTOS, 2020) sobre sistemas de ações. Neste momento este autor recorre a vários outros pensadores que buscavam uma explicação para esse fenômeno que faz parte não apenas da geografia, mas também da própria existência do ser humano, sendo assim podemos falar de ação quando há movimentação perceptível do ser no espaço, essa variação cria alterações e modifica o

meio, que por sua vez se altera e modifica o meio onde está inserido, A. Moles (1974) apud, (SANTOS, 2020, p.78).

A ação sempre foi objeto de estudo do campo das ciências sociais sendo assim, pensadores como Giddens, Marx, Engels, Habermas e outros, são citados na obra de Santos. Uma ação pode conter variados significados, motivações, objetivos, a atuação sobre determinado sujeito ou objeto por exemplo, requer o ato de atuar consecutivamente sobre os mesmos, esta conjuntura foi proposta por GIDDENS, (1978, apud SANTOS, 2020 p.79) este mesmo autor fala que. “A intenção é central na prática diária, enquanto o

propósito supõe ambições ou projeto de longo prazo” *“A ação é o próprio do homem. Só o homem tem ação, porque só ele tem objetivo, finalidade. A natureza não tem ação porque ela é cega, não tem futuro. As ações humanas não se restringem aos indivíduos, incluindo, também, as empresas, as instituições. Mas os propósitos relativos às ações são realizados por meio dos indivíduos”*. GIDDENS (1987 apud SANTOS, 2020, p.82)

Logo em seguida SANTOS reitera que, *“As ações resultam da necessidade, naturais ou criadas essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas, é que conduzem o homem a agir e levam a funções. Essas funções, de uma forma ou de outra vão desembocar nos objetos. Realizadas através de formas sociais elas próprias conduzem à criação e ao uso de objetos, formas geográficas”*. SANTOS, (2020, p.82)

Como dito anteriormente, o espaço vive em constante transformação, mas é preciso se atentar sobre de qual espaço estamos falando, já que essa palavra é livremente usada para diversas caracterizações em diversas áreas do conhecimento e no dia a dia das pessoas. Toda via, enquanto categoria, está imbricado em outros quatro conceitos chave para a ciência geográfica, quais sejam, região, paisagem, território e lugar.

A categoria espaço e os conceitos dele “derivados”, formam juntos a base desta ciência, todas tem uma importância em particular e foram amplamente debatidas de acordo com as correntes teóricas do período. (CORRÊA, 2000).

Para a chamada geografia tradicional (1870) o espaço não era considerado o conceito chave da geografia, paisagem e região dividiam as atenções, no entanto as obras de Ratzel e Hartshorne apontavam mesmo que de forma não direta para um caminho diferente, Ratzel dizia que o espaço se mostrava de forma indispensável para o homem e a partir daí desenvolve sua teoria do espaço vital. (CORRÊA, 2000).

Já Hartshorne acreditava que o conceito de espaço era de muita importância para o desenvolvimento da geografia, para ele o que existia era o “espaço absoluto”, ou seja, apenas um quadro intelectual. A partir de 1950 o espaço finalmente começa a ser considerado por alguns estudiosos como conceito chave da geografia.

Neste período a corrente teórico quantitativa que se formava no viés positivista não considerava os conceitos de território e lugar relevantes e os conceitos de região e paisagem que antes eram o foco agora dão lugar ao conceito de espaço, este por sua vez

tem como categoria, a planície isotrópica que se baseia em um método de investigação que envolve a formulação de hipóteses e dedução para se chegar em um resultado consistente com a realidade, nesta, a variável “distancia” que determina a diferenciação espacial.

É preciso considerar o que significou para a geografia a concepção de espaço que os geógrafos lógico-positivistas nela introduziram. Trata-se de uma visão limitada de espaço, pois, de um lado, privilegia-se o excesso a distância, vista como variável independente. Nesta concepção de outro lado, as contradições os agentes sociais, o tempo e as transformações são inexistentes ou relegados a um plano secundário. Privilegiasse um presente eterno, e subjacente encontra-se a noção paradigmática de equilíbrio (espacial) cara ao pensamento burguês. CORRÊA (2000, p. 22,23)

E conclui dizendo que,

As representações matricial e tropológica, devem no nosso entender se constituir em meio operacional, que nos permitam extrair um conhecimento sobre localizações e fluxos, hierarquias e especializações funcionais, sendo, neste sentido, uma importante contribuição que, liberada de alguns de seus pressupostos como planície isotrópica e racionalidade econômica, a competição perfeita e a a-historicidades dos fenômenos sociais pode ajudar na compreensão dos fenômenos sociais. (CORRÊA, 2000, p. 23)

Modelos de transformação do espaço e também de organização foram tecidos ao longo do tempo e até os dias de hoje são perseguidos, mas o fato é que, estabelecer normas ou padrões de comportamento, que determina o que é correto ou o que é bom não é o caminho, muitas críticas são direcionadas aos modelos de compreensão do espaço, e por mais que essas críticas sejam validas, não estaríamos discutindo e questionando o espaço dentro da geografia se esses padrões ultrapassados não tivessem sido estabelecidos no passado, é por essa razão que a geografia é considerada dinâmica, pois a mesma tem o poder de quebrar paradigmas.

A década de 1970 é marcada por um amplo debate em torno da identidade da geografia, neste período a questão era a reformulação da geografia que passava de clássica para crítica, essa discussão foi fundada principalmente no materialismo histórico e dialético de Marx, os estudiosos procuravam respostas para perguntas sobre quais seriam as categorias de análise do espaço e o quanto este mesmo espaço aparece nas obras de Karl Marx.

Segundo os geógrafos marxistas “O Espaço é lócus de relação social de produção” (CORRÊA, 2000,). Dessa forma uma sociedade apenas existe se houver uma relação espacial ou uma produção de espaço e esse espaço apenas se torna claro e compreensível através da sociedade que nele se forma.

Sendo assim podemos associar nossa pesquisa à esta teoria, tanto no que diz respeito a formação do espaço, como das relações sociais necessárias para forma-lo, no espaço urbano cametaense, local da pesquisa, estes elementos são facilmente visualizados, basta ir ao comercio local ou ao centro da cidade, o exemplo mais claro nesse sentido é a feira livre de Cametá, onde, pela manhã a movimentação de pessoas é intensa, reunindo variados interesses, já a tarde e principalmente à noite as atividades se encerram, levando com sigo a dinâmica do lugar, que apenas será resgatado no dia seguinte, sobre este assunto falaremos mais à frente.

1.1-O ESPAÇO URBANO; caracterizações iniciais.

A discussão sobre o espaço não é indiferente em relação a cidade e ao urbano, pois nesse caso os sistemas de objetos e sistemas de ações se relacionam, dando forma e dinâmica a cidade, está por sua vez, se “revela através do conteúdo das relações sociais que lhe dão forma.” (CORRÊA 1999) A cidade interessa a muita gente, empresários, políticos, estudiosos, população em geral este interesse se dá pelo fato de que, é na cidade que as variadas dinâmicas acontecem, é nela que vive uma parcela considerável crescente da população, onde há investimento acentuado e também conflitos de caráter social de forma constante. (CORRÊA,1999)

Antes de adentrar nas especificações sobre o espaço urbano, precisamos entender o que ele significa e quais seus atores, se trata de uma “organização espacial” local de concentração de atividades, de serviços, área industrial, área residencial, comercio área de especulação, isso tudo é um conjunto de dinâmicas dentro de um espaço que fatalmente se torna fragmentado por essas atividades, mas isso não quer dizer que elas acontecem de forma isoladas, pois uma atividade completa a outra e até mesmo depende da outra.

são inúmeras as manifestações sociais que ocorrem dentro de um espaço urbano, isso se dá pela necessidade de deslocamento gerando fluxos variados para inúmeras atividades, desde uma simples ida ao super mercado, até uma operação complexa de carga e descarga de mercadoria, esses acontecimentos são articulados e acontecem com frequência na cidade. (CORRÊA, 1999)

A cidade se coloca em evidência por seu sentido e finalidade (enquanto construção histórica) diz respeito à produção do homem e à realização da vida humana, de modo que, se a construção da problemática urbana se realiza no plano teórico, a produção da cidade e do urbano se coloca no plano da prática socioespacial, evidenciando a vida na cidade (CARLOS, 2007) para entender a cidade como ela é, se faz necessário entender o contexto histórico que se materializou ao passar dos anos e sua multiplicidade de eventos que deram forma aquele espaço “ cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho... cada situação é diferente da outra... só podemos compreender a situação através do movimento” (SANTOS, 1988, p.106). neste caso a situação são os momentos e o movimento é o tempo onde os momentos acontecem.

Uma cidade precisa de agentes, atores e vetores para funcionar, há um verdadeiro emaranhado de atividades que compõem e direcionam essas atividades, que por sua vez são realizadas através de estratégias, ações voltadas para a cidade, mas com interesse no lucro. Esses personagens que criam e recriam a cidade podem ser chamados em primeiro lugar de **proprietários dos meios de produção** cujo papel central é a busca pelo lucro, atividades fabris tem o poder de modelar a cidade, procura áreas de instalação onde facilite o manejo das atividades, como, áreas próximas a portos, estradas, esta é uma forma direta de uso da terra e seu direcionamento por interesse e por tanto uma forma de modelar o espaço. (CORRÊA, 1999)

Um outro agente que atua diretamente no espaço de uma cidade é o **proprietário fundiário**, esses tem como objetivo obter de variados modos uma porção de terra por um preço baixo e depois vender por um preço mais elevado, para isso procuram terras onde o preço da terra é baixo, no intuito de valorizar áreas já urbanizadas os proprietários fundiários fazem pressão junto ao estado para que este efetue políticas públicas naquele local como asfaltamento, saneamento, coleta regular de lixo, essas atividades são fundamentais e tem peso no preço da terra.

Terras periféricas da cidade são alvos de grande potencial e valorização, mas o processo que transforma uma terra rural em urbano não é simples, depende do valor de uso da terra, no entanto é inevitável o momento em que o valor urbano se torna maior que o valor rural daquela área passando assim por uma “esterilização” da terra. Outra questão nesse processo é a especulação fundiária que depende do retorno do capital investido na área de habitação que por sua vez depende diretamente do Estado que irá assegurar investimentos no intuito de empregar funcionários e estes então irão precisar de uma residência para se fixar.

Os tipos mais comuns de proprietários de terra são os que tem posses em áreas amenas onde reúnem qualidades de vegetação e clima criando assim um bem-estar perfeito para a vivencia, por esse motivo esses lugares tendem a se valorizar no ramo de habitação onde outa vez o Estado é pressionado a investir em infraestruturas de acesso pois situam-se a beira mar ou em beira rio, a propaganda se torna de grande importância pois vende todas essas qualidades e enchem os olhos, dessa forma então são construídas verdadeira mansões de alto luxo nesses locais de periferia intraurbana.

Na contramão existe o proprietário de terras periféricas mas de baixo valor imobiliário pois além de estarem distantes do centro não possuem qualidades amenas, os proprietários loteiam essas terras, vendem para uma classe baixa que desenvolvem ali um estilo de vida, diferente das “habitações de status” essas periferias não tem o apoio dos proprietários fundiários para pressionar o estado em relação as infraestruturas necessárias para se ter um mínimo de conforto, em outra ocasião essas terras são vendidas ao Estados que se encarregam através de programas sociais na construção de habitações populares, a periferia urbana então se desenvolve dentro de uma realidade insalubre, distante do centro a locomoção dos trabalhadores se torna difícil e quando retornam as suas áreas de habitação se deparam com valas a céu aberto insetos, violência, drogas, herança do descaso político e promoção de uma segregação socioespacial. (CORRÊA, 1999).

O **promotor imobiliário** realiza introdução, financiamento, estudo técnico, construção e comercialização do imóvel, além de pessoas que por oportunismo se tornaram promotores através de capital oriundas de atividades paralelas, os bancos e o próprio Estado também são grandes promotores imobiliários, neste caso com exceção ao Estado há um consenso entre os proprietários de terras, promotoras imobiliários e da indústria que fornece o material para a construção de que não haverá lucro em

construções populares e que por tanto o objetivo é construir habitações de alto custo ou a substituição do imóvel por outro mais caro e contemporâneo. (CORRÊA, 1999).

O **Estado** atua de forma recorrente na produção do espaço urbano, suas funções variam de acordo com as exigências das esferas federal, estadual e municipal, mas é na municipalidade que são atribuídos ao estado uma certa responsabilidade direta em relação ao uso da terra e portanto a produção de espaço, cabe a este agente a regulamentação do uso do solo, controle de preço da terra, limite da superfície de cada proprietário, impostos fundiários e imobiliários, taxaço de terrenos ocioso, investimento público, disponibilidade de crédito para habitação e outros. *“A atuação do estado se faz fundamentalmente e em última análise visando criar condições de realização e reprodução da sociedade capitalista, isto é, condições que viabilizem o processo de acumulação e reprodução das classes sociais e suas frações”*. (CORRÊA 1999, p. 26)

Na contra mão do capitalismo estão os **grupos sociais excluídos**, camada social densamente e facilmente encontrada nas periferias das cidades, esses grupos são vítimas do processo capitalista, pois esse mesmo processo não está para uma população como da mesma forma que se dispõe para minorias abastardas da sociedade, agentes que deveriam criar vetores para uma sociedade digna, como o Estado atuam em harmonia com as grandes companhias, empresários.

Para esses o estado se faz presente com linhas de crédito de juros baixos, regulamentação e facilitação para uso de terrenos em prol do crescimento econômico da cidade. Dessa forma os grupos socialmente excluídos não têm condições de escolher onde morar, não tem opção de moradia, e esse sintoma de exclusão geralmente vem acompanhado de doenças, desemprego baixa formação escolar.

As opções de moradia desses grupos geralmente são ocupações de terrenos particulares ou do estado, onde desenvolvem o processo de alto construção, pois não tem condições de pagar uma empreiteira ou até mesmo um trabalhador autônomas para a realização da obra, conjuntos habitacionais construídos pelo estado, que em grande maioria das vezes não são finalizados e acabam ocupados pela população sedenta por um lar, essas pessoas se tornam então agentes de uma produção espacial que faz parte da cidade, agentes socialmente excluídos que irão reivindicar seus direitos de existência mediante a conflitos promovidos pela indignação diante ao descaso de quem deveria protegê-los.

Quadro 1: caracterização dos agentes do Espaço Urbano

AGENTES DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO	CARACTERÍSTICAS
PROPRIETARIO DOS MEIOS DE PRODUÇÃO	Indústrias, comércio, empresas em geral que contratam mão de obra.
PROPRIETÁRIO FUNDIÁRIO	Aquele que adquire a terra por um preço barato e depois vem por um alto valor.
PROMOTOR IMOBILIÁRIO	É responsável pela construção e comercialização do imóvel.
ESTADO	Pode ser reconhecido como federal, estadual e municipal, tem o controle do território, e soberania popular.
GRUPOS SOCIAIS EXCLUIDOS	Pessoas social e economicamente vulneráveis, vivem nas periferias das cidades, dependem de programas sociais ou trabalho informal

A cidade é formada por agentes e também por uma multiplicidade de fatores e vetores que combinados formam a dinâmica do lugar, a seguir veremos a atuação dos mesmos, na qual será possível entender em diferentes escalas suas participações concretas e indiretas na construção do espaço urbano.

1.2-O ESPAÇO URBANO: aprofundamentos necessários

O espaço urbano requer um aprofundamento para que possamos entender sua multiplicidade de fatores, agentes e atores que estão inseridos em diversas áreas da cidade e para que este aprofundamento seja claro recorreremos a escala como dimensão espacial

para identificar as funções e responsabilidades desses agentes e atores de forma que nos leve a uma conclusão sólida em relação a produção desses espaços.

Falar de escala se torna necessário pois a base teórica que permite explicar ou compreender fenômenos, relações praticas é alterada quando se muda a escala espacial, um exemplo claro de produção e transformação do espaço e escalaridade, são as corporações multinacionais que atuam em diferentes espaços, local, regional, nacional e global, por tanto em diferentes escalas, mas interesses em comum. (CORRÊA, 2011)

Mais afinal, quem produz o espaço?

Nessa pesquisa são considerados dois tipos de espaço, o espaço urbano e espaço intraurbano, a despeito deste par de conceitos é importante/ afirmar que a produção do espaço dentro deles não é resultado da variação do mercado ou de um estado totalitário, e sim das consequências das ações dos agentes concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e outros seguimentos da sociedade. (CORRÊA, 2011.)

Esses agentes estão inseridos no espaço e no tempo são eles que materializam em suas vivencias o espaço seja ele urbano e também intraurbano, criando mecanismos para viver e muitas vezes sobreviver em um ambiente cercado de contradições que é a cidade. Segundo VASCONCELOS, (2011, p. 75) ator é aquele que age, e os principais atores do espaço geográfico são, o indivíduo (considerado aqui isoladamente), o grupo, (determinada quantidade de pessoas) as empresas, (unidades econômicas afim de obter lucro) coletividade local, (reunião de várias pessoas que forma uma unidade) e o estado em sua forma mais pura, presente em todos os seguimentos que formam o espaço.

A pesquisa envolvida neste trabalho consiste em identificar fisicamente (centro/periferia) a segregação socioespacial na cidade de Cametá, e por esse motivo se faz necessário um aprofundamento sobre a questão, a seguir veremos o que estudiosos dizem sobre o assunto a partir deste entendimento direcionaremos a pesquisa de acordo com a realidade da cidade de Cametá.

CAPÍTULO 2 - O ESPAÇO URBANO AMAZÔNIDA: SEGREGAÇÃO OU FRAGMENTAÇÃO?

Segregação e fragmentação são verbos rotineiramente usados por segmentos diversos para explicar dispersões separações em determinados estudos, em nosso caso, o estudo do espaço urbano, esses conceitos serão apreciados de forma individual mas sem deixar de correlacioná-los, pois estes pares são fundamentais para a compreensão da produção do espaço urbano, é necessário entender quais fenômenos dentro de uma cidade revelam as segregações e fragmentações, em uma cidade podem haver inúmeras formas de segregação, religiosa, étnicas, social entre outras, abordaremos nesta pesquisa a última.

Centro \ periferia é a forma de segregação mais analisada nas grandes cidades, o centro é dotado de serviços e ofertas de produtos que advém da rede pública e privada, reduto da classe mais abastada, a periferia concentra a classe trabalhadora, longe do centro e conseqüentemente das ofertas, serviços e produtos, “a segregação não impede a presença nem o crescimento de outras classes no mesmo espaço”, não há exclusividade da classe alta nos centros embora exista a presença exclusiva da classe baixa em determinadas regiões da cidade.

Segundo (VILAÇA, 2001) essa prática de segregação se ancora no capitalismo, valor de uso dos lugares, onde se realiza a vida e se materializa o espaço, a cidade então se torna mercadoria, onde a segregação surge como espelho na frente dos excluídos que por sua vez não reúnem condições financeiras para gozar de mercadoria chamada cidade. É interessante sintetizar ou exemplificar como se comporta a fragmentação.

Como dito anteriormente este conceito se relaciona com a segregação porém não podemos dizer que são a mesma coisa, uma cidade fragmentada não quer dizer que esteja separada em partes, não é um azulejo ou um vidro que se quebra e se despedaça em vários fragmentos, e sim o modo como se organizam estes pedaços, então podemos dizer que a fragmentação é o modo de organização de uma cidade conforme as estruturas nela inserida, quanto a segregação, *“só cabe a aplicação deste conceito quando as formas de diferenciação levam à separação espacial radical e implicam rompimento, sempre relativo, entre a parte segregada e o conjunto do espaço urbano, dificultando as relações e articulações que movem a vida urbana”* (SPOSITO, 2022, p.65).

Segundo SPOSITO e VASCONSELOS, (2022.) O conceito de segregação tem por gênese a escola de Chicago, com os estudos dos sociólogos Park e Burgess (1967) esses pensadores estudaram este conceito a partir da separação racial imposta em muitos países e posteriormente pela separação étnica, onde inúmeras camadas sociais se

formaram em razão da imigração, a partir daí em diante vários estudos foram dedicados a este conceito. Ainda nessa tentativa de entender o conceito de segregação e fragmentação (SPOSITO, 2022.) nos contempla com o que chama de” **As novas segregações**”.

A autora nos chama a atenção sobre este conceito pois segundo ela há tantas segregações quanto espaços, isso nos leva a pensar, onde estão? E como podemos perceber essas segregações? Essa autora afirma que, “ *a segregação é, dentre todos os conceitos e noções que tratam das dinâmicas de segmentação socioespacial nas cidades, o que tem maior grau de determinação no plano espacial: sem este ela não se constitui e somente nele pode se revelar*” e complementa dizendo que, “ *os estudos sobre segregação versaram sobre a dinâmica que levaram a separação ou segmentação socioespacial de grupos sociais sobre os quais recaíram e recaem formas de discriminação política, religiosa, social ou cultural*” (SPOSITO, 2022. p. 66,67).

Em síntese o que a autora diz é que, a segregação como conceito dentro dos estudos socioespaciais é a mais clara representação de segmentos (múltiplas formas de relações) que levam a compreensão das dinâmicas de afastamento, isolamento, socioespacial, sem o espaço este conceito não existiria e somente com a produção do espaço através de agentes múltiplos a segregação pode se revelar.

De qualquer forma a segregação e a fragmentação são impossíveis de ser percebidas como matéria, não há como materializa-las em um mapa, por isso são conceitos complexos que se movimentam no espaço e no tempo.

Dentre essas novas segregações se faz necessário discorrer ao que (CORRÊA 1989) chamou de “autossegregação” esse termo é também usado por SOUSA (1996) mas é com (SPOSITO, 2022) que iremos apreciar esse segmento, a autora explora essa ideia dentro de seu texto se referindo a tal como “espaços residenciais fechados”.

Percebemos então que esse modelo de segregação é diferente e com agentes diferentes, enquanto os ricos optam por se autos segregar os pobres não tem essa escolha, para esses não é um planejamento de vida e sim uma solução imediata. Desde o início deste século até meados de 2015 o poder de compra da classe intermediária e baixa aumentou consideravelmente, graças a programas sociais e incentivos fiscais em áreas

estratégicas nos setores de consumo e lazer feitas pelos governos Lula (2003-2011) e Dilma (2011-2016,

As moradias populares subsidiadas pelo governo ganharam destaque, mas assim como as antigas moradias daqueles que se mudaram, continuou ou se afastou ainda mais dos centros urbanos. Percebemos nessa última leitura que a cidade é um espaço de contradições onde a segregação socioespacial pode se revelar de várias formas em distintos lugares com agentes diferentes.

(CARLOS, 2022) nos chama a atenção para o papel do capitalismo que nesse processo transforma a cidade em mercadoria, *Assim, a segregação é expressão do desdobramento da contradição que produz o espaço urbano que é, ao mesmo tempo e dialeticamente valor de uso e valor de troca, com isto quero dizer que a segregação está posta como fenômeno urbano que acompanha a criação das cidades em vários momentos de sua história, sob o capitalismo ela ganha outra forma: a produção do espaço mercadoria como momento de realização do processo de acumulação.* (CARLOS, 2022, p. 97)

Historicamente a o processo de segregação foi realizado sob a perspectiva racial, étnica ou religiosa, mas esse processo ganhou força com o capitalismo, a autora explica que a segregação nas cidades não se trata apenas do espaço habitado, e sim das condições de vivencia dentro dessa cidade, ela (cidade) se torna mercadoria, por tanto o acesso a essa mercadoria se torna difícil para a camada pobre da população. *“no plano da produção do espaço urbano, por tanto, a segregação aparece como forma logica da separação dos elementos constitutivos da cidadania ligados ao capital que hierarquiza e separa como forma positiva de diferenciação”* (CARLOS, 2022, p.97).

O centro de uma cidade segundo esta autora é a prova material do significado de produção do espaço urbano, pois é nele que acontecem os encontros diversos, é no centro que se acumula os prédios públicos, lugar de manifestações sociais em diversos segmentos, é no centro de uma cidade que podemos observar as “rugosidades” a história sendo escrita sobre a outra em um mesmo lugar.

Não podemos confundir centro com centralidade, para (SPOSITO, 2022), “ a centralidade não é um lugar ou uma área da cidade, mais, sim, a condição e expressão de central que uma área pode exercer e representar” a centralidade diferente do centro é

difícil de ser representada em um mapa pois a mesma não reúne concretude, mas pode ser percebida em vários pontos de uma cidade, o centro é único, visível, material e só existe em um ponto da cidade, a centralidade é o centro que se espalhou na cidade.

De muitas formas os diversos segmentos presentes de forma material e não material no espaço urbano, segregam grande porção da população de diferentes formas como vimos a cima e conseqüentemente a fragmentação dos espaços e atividades é inevitável, sem dúvida são questões que precisam ser aprofundadas principalmente em cidades pequenas e ribeirinhas é isso que pretendemos fazer.

2.1- CIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA.

(SAINT CLAIR, 2013), faz uma diferenciação entre as “cidades da floresta” e “cidades na floresta”, “trata-se, em sua maioria de “cidades na floresta”, ou seja, aquelas cidades que tendem a se articular principalmente às demandas externas à região” essa tipologia nos mostra que uma cidade pode ser construída ou no caso de já existir pode ser configurada aos moldes do interesse econômico que ali se fez presente, isso significa que o objetivo das empresas que se instalam nessas cidades é meramente a exploração dos recursos ali presentes ou por sua localização estratégica de escoamento dessa linha de produção predatória, esse tipo de atuação se torna alheio à região pois não há integração social, os costumes tradicionais a cultura simbólica daquela região são enfraquecidos ou simplesmente desaparecem.

As “cidades da floresta” por outro lado “normalmente apresentam características de pequenas cidades, associadas a circulação fluvial e com fortes elos em relação a dinâmica da natureza e a vida rural não moderna” essas relação com a natureza tem a ver com o fato de que nela grande parte da população associa suas crenças e costumes, as gerações que vivem hoje nas pequenas cidades tiveram em outrora parentes que viveram ou vivem em comunidades ribeirinhas e vilarejos próximos à cidade, quanto a dinâmica citada pelo autor se trata de uma forte ligação econômica já que grande parte do alimento consumido nessas cidades vem do extrativismo e da pesca, são laços de costumes difíceis de serem quebrados que passam de geração em geração, a cultura é outra característica marcante e tem forte apelo emocional para essas populações.

Todas essas características não nos permitem dizer que esses lugares são atrasados ou que recusam a contemporaneidade, pelo contrário, são informatizados e

introduzidos a mundialização, e por esse motivo as cidades da floresta sobrevivem pois conseguiram passar pelo período técnico-científico e informacional sem esquecer seus costumes e tradições.

Como visto anteriormente as cidades da e na Amazônia possuem características distintas, mas isso não significa que uma seja melhor ou pior que a outra, há nesse sentido uma complexidade para se entender a produção do espaço nesses lugares, e por esse motivo se deve analisar esses espaços como “forma-conteúdo” ou seja se deve atentar para os processos sociais históricos que constituíram aquela região.

(SANTOS, 1986, p.247) diz que os lugares se distinguem pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos e que, essa rentabilidade é maior ou menor, em virtude das condições locais de ordem técnica e organizacional. Essa teoria pode ser aplicada nos conceitos de cidades da e na floresta pois como vimos antes certas cidades são usadas para atividades econômicas de escala global e por isso recebem maior investimento técnico e de infraestrutura sem falar do apoio do Estado.

No outro caso a rentabilidade no qual citou Santos se aplica em menor escala nas cidades tradicionais e pequenas, a diferença nesse caso é no interesse econômico externo, como podemos ver essa premissa ganha relevância para a Amazônia, dada sua condição de ser espaço reconhecidamente de fronteira econômica, para onde tendem a se reproduzir de maneira intensa de forma impactante, relações associadas às novas lógicas de expansão do mundo capitalista de produção (SAINT-CLAIR, 2013).

“Processa-se hoje, na Amazônia, o encontro ou, mesmo o confronto de modos de produção diferentes... esse fenômeno, entretanto, está ocorrendo diferentemente do processo que se verificou historicamente nos primeiros países industrializados. O confronto de formas de produção diferentes na Europa moderna, por exemplo surgiu de dentro da própria sociedade; foi a partir da crise da sociedade feudal que emergiu o modo de produção capitalista, através de um processo de transformação técnica, econômica, social e política gerada internamente. Já o confronto que está se verificando hoje na Amazônia entre formas sociais de produção, não se originou endogenamente; procedeu de fora, pela imposição, pela invasão pela penetração violenta de um modo de produção, que por não ter sido gerado internamente não reflete o estágio do avanço coletivo das forças produtivas da própria região, daí seu caráter particularmente

agressivo, destrutivo, física e culturalmente desarticulador". (HÉBETTE, 1983, Apud, SAINT-CAIR, 2013, p.8)

Nota-se então um processo que se deu no âmbito da Amazônia, onde o confronto se dá pela diferença de interesse, entre aquele que chega e aquele que é oriundo do lugar, mas ainda nessa linha de raciocínio de predação da Amazônica por agentes externos observa-se que, *“os conflitos que ocorrem na Amazônia decorrem das contradições intrínsecas à inserção do Brasil no sistema capitalista e a organização acelerada da sociedade brasileira... As contradições assumem uma dinâmica específica nas diferentes regiões; no caso da Amazônia, o que a caracteriza é a ausência de organizações sociais preexistentes capazes de resistir a novas apropriações, resultando no ritmo acelerado e na extensão em que se processa sua transformação elementos que a configuram como uma fronteira. A especificidade da escala espacial é inerente a temporal - a fronteira tem um tempo diferente do resto do território nacional, mais acelerado, nela se sucedendo rapidamente as inovações”*. (BECKER, 1998. p.8)

Para entendermos melhor as cidades da Amazônia são necessárias entender como essas cidades funcionam - para quem servem. Discorreremos brevemente sobre esses os tipos de cidades e suas relações.

As cidades empresa é um tipo associado à grandes projetos introduzidos na Amazônia, elas servem como base de apoio para grandes empreendimentos esse modelo nega as tradições regionais transformando o lugar onde se encontra em mercado, nota-se um crescimento econômico maior que o das Metrôpolis pois se trata de uma fronteira econômica como explicou (BECKER, 1998.)

As cidades rodovias são caracterizadas por obviamente estarem situadas a margem de rodovias, mas para além disso esses lugares têm forte ligação com setor primário, a exemplo das cidades empresa esse tipo também nega as origens do lugar, os fluxos migratórios intensos explicam esse fato.

Por último temos as cidades tradicionais e essa já comentamos por se o tipo de cidade que consideramos nesse trabalho. Antes da década de 1960 as cidades tradicionais eram maioria esmagadora, esse cenário começa a mudar a partir a inserção de grandes projetos na Amazônia com a promessa de prosperidade econômica e crescimento acelerado, que para muitos é o chamado “desenvolvimento”, para que esses projetos se

instalassem de fato em solo amazônico necessitava-se de vetores como estradas e portos, a margem dessas estradas se formaram cidades e vilarejos e os portos foram construídos em cidades estratégicas, daí os nomes cidades rodoviárias e cidades empresa.

A partir desse momento as configurações espaciais mudaram a urbanização ganhou nova forma e o jeito que os povos dos lugares invadidos e arredores viviam nunca mais foi o mesmo e nessa promessa de desenvolvimento falto explicar para quem.

É nesse sentido que se desenvolve nossa pesquisa, na questão da moradia, mostrar como os agentes produzem o espaço urbano em Cametá e porque as moradias, principalmente as populares construídas pelo governo são afastadas do centro da cidade. para isso usaremos recursos de mapeamento comparando a cidades de hoje com a de 20 anos atrás. Também por meio de entrevistas e perguntas semiestruturadas, vamos entender a diversidade das condições de vida dessas pessoas que vivem em espaços distantes do centro.

CAPÍTULO-3 CARACTERIZAÇÃO GEOGRAFICA DA CIDADE DE CAMETA: aspectos interurbanos. ENTRE ENCANTOS E DESENCANTOS.

O município de Cametá está localizado no norte do Brasil e nordeste do Estado do Pará fica a 180km de distância pela PA 151 da capital do Estado, Belém, esse município faz parta da mesorregião do nordeste paraense e da microrregião do baixo Tocantins, limita-se ao norte com o município de Limoeiro do Ajuru, ao sul com Mocajuba, ao leste com Igarapé Mirim e ao oeste com Oeiras do Pará.

No debate anterior, a cidade de Cametá se encaixa como cidade tradicional da Amazônia, que desempenha papeis de protagonismo no cenário de rede urbana, principalmente no baixo Tocantins, tem como principais atividades econômicas a agricultura familiar o extrativismo, comercio, e funcionalismo público.

com uma área de 3.081,367km² e uma população de 134.184 pessoas sendo distribuídas demograficamente em 43,55 hab./km², (IBGE, 2020). Em toda sua extensão territorial, este município é formado por nove vilas ou distritos, (ver mapa 1) são eles: Areião, Carapajó, Coruçambaba, Janua coeli, Juaba, São Benedito do Moiraba, Vila do Carmo do Tocantins, Porto Grande e Torres do Cupijó e o distrito sede de Cametá.

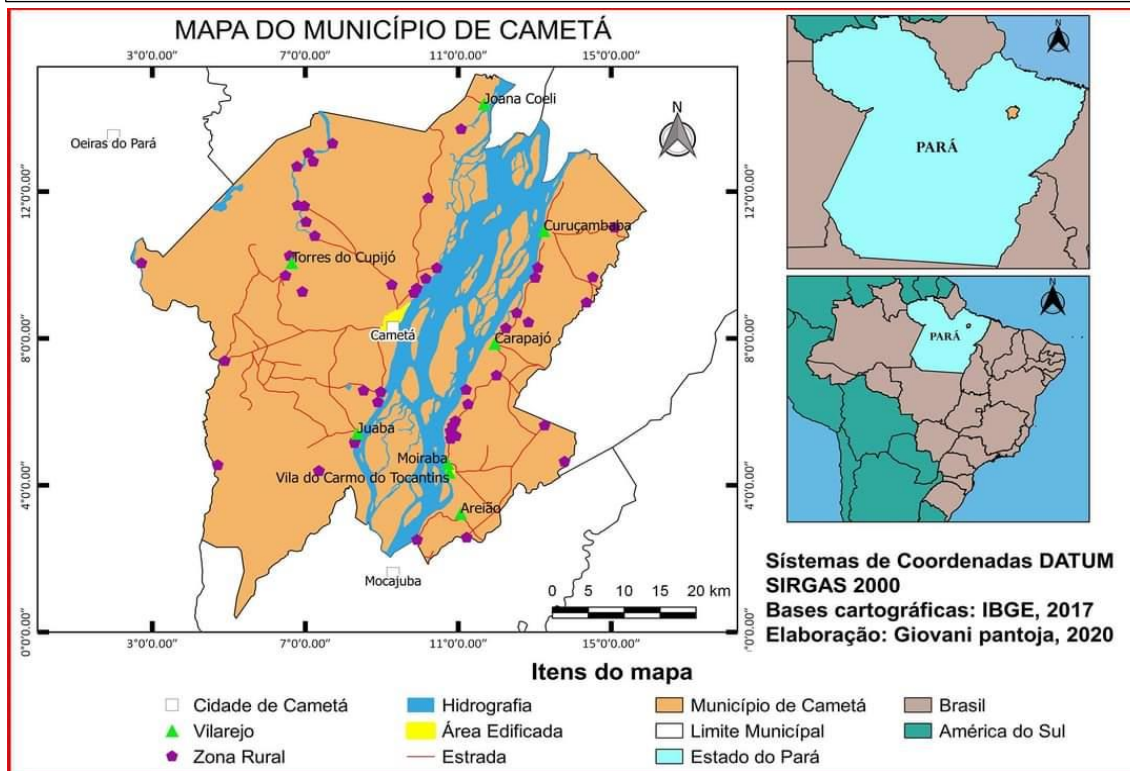
Esses distritos tem uma função primaria de apoio as áreas rurais distribuídas na extensão do município, não tem administração independente, mas se organizam na forma de comunidade rural e exercem pequenas atividades agrícolas e forte ligação com a sede do distrito.

Cametá se destaca no cenário financeiro e de comercio em relação aos demais municípios do baixo Tocantins, isto porque é a única cidade a contar com 6 agencias Bancarias: Banco da Amazonia, é responsável por potencializar as atividades agrícolas e comerciais nos municípios por meio de credito Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO). Banco do Brasil, é responsável pelo pagamento de funcionários federais, financiamentos e serviços de investimento. Banco do Estado do Pará, é responsável pelo pagamento dos servidores estaduais, a caixa econômica federal faz o atendimento das grandes massas, beneficiários de programas sociais, como bolsa família, seguro defeso, além de proporcionar serviços de seguro, financiamentos e mais.

Isso é claro além das agencias bancarias privadas como banco Bradesco, Santander, e mais recentemente a Crefisa, esta última ganhou grande importância cenário interurbano que veremos a diante. Esse superficial detalhamento de como funcionam essas instituições na cidade de Cametá é uma deixa para falarmos do processo interurbano que ocorre na região do baixo Tocantins, a relação ou contado de uma ou mais cidades se realiza através de vetores, bancos, hospitais, universidade, comercio, transporte, sinais de TV e internet.

Serviços considerados essenciais em uma cidade, pois bem, nem todas as cidades contam com esse aglomerado de serviços, como é o caso das cidades de Limoeiro do Ajuru e Oeiras do Pará, que dependem dos serviços bancários das cidades de Cametá, e dessa forma, forçando um deslocamento espacial e das cinco cidades em geral. (PADINHA, 2010)

Mapa 1: LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CAMETÁ



Fonte: PANTOJA, G. 2020

A cidade de Cametá fica localizada ao centro em relação as demais cidades da microrregião do baixo Tocantins, essa localização geográfica se torna estratégica na disponibilidade e recebimento de serviços diversos entre cidades vizinhas, os serviços bancários são vetor fundamentais para a interação dessas cidades, Cametá nesse sentido se tornou protagonista pois, conta com inúmeras agências bancarias e financeiras que por sua vez fazem os serviços que são de difícil acesso ou indisponíveis em outras cidades do baixo Tocantins.

Em janeiro de 2020 a financeira Crefisa (que atua na cidade de Cametá) e mais 14 bancos venceram a concessão para disponibilizar serviços aos beneficiários do INSS, como pagamento de aposentados e beneficiários, prova de vida, antecipação de benefícios e outros, o contrato é válido por 15 anos, a questão a ser observada não se limita à procura desses serviços as também o fomento a economia que esse processo gera, o setor que mais cresce nesse sentido é o comercio.

Outros vetores que materializam a questão interurbana são serviços de saúde e graduação, Cametá conta como 50 estabelecimentos públicos ligados a saúde espalhados

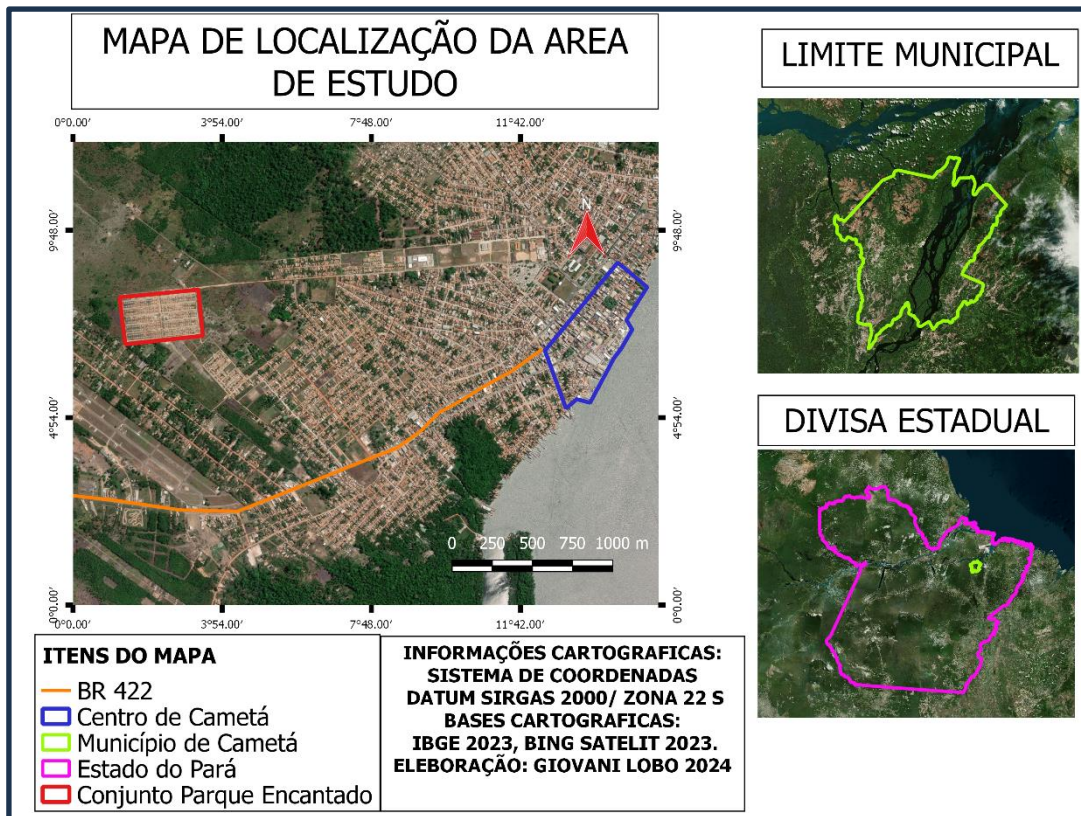
pela malha municipal, além de 1 hospital regional, 1 UPA 24h e hospitais e unidades particulares de atendimento à saúde, (MINISTERIO DA SAÚDE, 2024).

Cametá tem instituições de ensino superior públicos e privados, é a únicas cidades do baixo Tocantins que conta com UFPA, UEPA, e IFPA juntas em uma única cidade além de diversas instituições particulares que se tornaram acessíveis, embora tenham que melhorar em termos de infraestrutura e serviços. Cultura e turismo, são fatores que notabilizaram a cidade de Cametá no cenário nacional nos últimos tempos, através da pesca do mapará (*Hypophthalmus edentatus*) e da extração do açai (*Euterpe oleracea*) a cidade ganhou fama e atraiu diversas pessoas tanto para conhecer quanto para estudar as origens dessas iguarias. (PADINHA, 2010)

3.1- LENDO A PAISAGEM, INTERPRETANDO O ESPAÇO: por dentro do conjunto parque Encantado.

o conjunto parque encantado é uma obra do programa minha casa minha vida do governo federal, de contrato número: 36825559 MCMV2 PARQUE ENCANTADO II PA CAMETÁ que tinha em cláusula contratual construir 540 unidades residenciais totalizando um valor de 28.080.000,00, com a construtora MGF ENGENHARIA CNPJ: 83900043000150 com data de contrato em 17/04/2012 na modalidade FAR Alienação. (CAIXA ECONOMICA FEDERAL, 2024.)

Esse empreendimento não foi concluído, grande parte das moradias se encontram até hoje inacabadas, o que gerou um processo de ocupação das casas por parte da população, esse fenômeno não é incomum nas cidades, pelo contrário, devido a localização desses moradias que por gênese impõe segregação residencial, as pessoas de baixa renda veem uma oportunidade de moradia, *“favelas, cortiços, modestas ou precárias moradias construídas no sistema de autoconstrução e conjuntos habitacionais, muitos dos quais recentes e já deteriorados, localizados, sobretudo na periferia ou em áreas de risco ou já caracterizados pela obsolescência, com precária ou nenhuma infraestrutura urbana, sujas e inseguras compõe as áreas de segregação imposta.”* (CORRÊA, 2022, p.44).



Fonte: PANTOJA, G. 2024.

A partir do mapa podemos identificar uma grande distância do conjunto parque encantado em relação ao centro da cidade de Cametá, essa periferização está incluída no processo de segregação residencial, segundo (CORRÊA, 2022.) Esse tipo de segregação é imposto aos mais pobres, onde em suas realidades não conseguem reunir condições para comprar uma casa ou um terreno no centro ou arredores, resta então se instalar em lugares acessíveis economicamente onde é este o caso.

As condições precárias de infraestrutura são um fato característico desses lugares, diante disso (VILAÇA, 2001) discorre sobre a localização urbana que é fator determinante para o exercício do trabalho e para a reprodução da força de trabalho, esse autor aponta dois atributos, (1) *uma rede de infraestrutura: vias, redes de água, esgoto pavimentação, energia, etc.*; (2) *possibilidade de transporte de produtos de um ponto para outro, de deslocamento de pessoas e de comunicação. Dentre essas possibilidades o deslocamento do ser humano (para os locais de trabalho de compra de serviços de lazer, etc.).* (VILAÇA,2001, p.23).

Podemos então identificar aspectos intraurbanos quando estudamos as condições de vida das pessoas que moram na área de estudo, e dessa forma identificar os tipos de

segregação que ocorrem, falo isso me apoiando no que diz (SPOSITO, 2022, p.64) “há tantas segregações de fato e em potencial quantas cidades e situações urbanas com as quais nos deparamos” neste caso a segregação residencial imposta é a que predomina.

Para fundamentar este trabalho no contexto de segregação socio espacial, foi necessário entender o cotidiano e as condições de existência e resistências das famílias do conjunto parque encantado, estudar os aspectos intraurbanos que envolve a cidade é necessário, para isso foi elaborado uma pesquisa em campo, com o objetivo de extrair informações para o embasamento do estudo, um roteiro de perguntas semiestruturadas de caráter qualitativo e quantitativo foi aplicado.

Mapa 3- PONTOS DE ENTREVISTA



Fonte: PANTOJA, G. 2024

A ocupação feita por parte da população no conjunto parque encantado teve início em março de 2017, por tanto cinco anos após o início das obras, por esse motivo a

primeira questão discutida no trabalho de campo foi, há quanto tempo essas famílias moravam no conjunto parque encantado e o resultado foi que, das 35 famílias entrevistadas 9 disseram que moravam há 7 anos, 5 há 6 anos, 6 há 5 anos, 3 há 4 anos e 2 há 3 anos, e 10 há 2 anos ou menos, a baixo podemos notar o percentual das famílias por seus respectivo tempo de moradia.

Tabela 1: PERCENTUAL POR TEMPO DE MORADIA

2017 a 2024	FAMÍLIAS	%
7 anos	9 famílias	25,7%
6 anos	5 famílias	14,4%
5 anos	6 famílias	17,1%
4 anos	3 famílias	8,5%
3 anos	2 famílias	5,8%
2 anos ou menos	10 famílias	28,5%
TOTAL	35	100%

Fonte: trabalho de campo, 2024

Analisando os números conclui-se que a cada ano que se passa, famílias novas se mudam para o conjunto, e essas pessoas vem principalmente de outras periferias e do interior da cidade. Das 35 famílias entrevistadas 11 vieram da zona rural, ou seja, 31% do total, enquanto que o restante 69% vem de outras periferias ou cidades vizinhas.

Os motivos para que essas famílias deixassem suas antigas casas para morar no conjunto parque encantado são variados, os dois mais citados na pesquisa foram problemas financeiros e familiares, isso acontece porque muitas pessoas moram de aluguel ou dividem a casa com outros familiares, então as ocupações acontecem entre outros motivos por conta dos dois problemas citados acima.

Perguntados se algum membro da família se desloca todos os dias ao centro da cidade para trabalhar, o resultado foi unânime para o deslocamento diário, quanto ao tipo de transporte utilizado, 5,7% utilizam carro, 57,2% utilizam moto, 28,6% utilizam bicicleta e 8,5% caminhando. O deslocamento de um ponto a outro é um dos principais fatores para que um determinado ponto da cidade seja considerado urbano, “*As condições de deslocamento do ser humano, associadas a um ponto do território urbano, predominarão sobre a disponibilidade da infraestrutura deste mesmo ponto. A acessibilidade é mais vital na produção de localizações do que a disponibilidade de infraestrutura. na pior das hipóteses, mesmo não havendo infraestrutura, uma terra jamais poderá ser considerada urbana se não for acessível- por meio de deslocamento diário de pessoas- a um contexto urbano e um contexto de atividades urbanas*”. (VILAÇA, 2001, p.23) mas para que isso aconteça, é necessária uma rede de infraestrutura, por esse motivo a pesquisa abordou o tema (acesso), e outra vez as respostas foram unânimes para a insatisfação do tema, pois, as ruas que dão acesso ao conjunto são precárias.

Figuras: 3 e 4, Rua de acesso ao conjunto Parque encantado, moradores voltando para suas casas.



Fonte: próprio autor, 28 de março de 2023.

Procurando entender mais sobre as condições de vida dessas famílias, a pesquisa abordou temas como a coleta de lixo e os fornecimentos de água e energia elétrica, sobre isso os moradores disseram de forma unânime que o caminhão de lixo não entra no conjunto como deveria ser feito, os moradores tem que percorrer uma certa distância e despejar o lixo em um local fora do conjunto para que assim uma vez na semana o

caminhão venha recolher, o conjunto tem dois locais de coleta como podemos ver nas figuras 5 e 6

Figuras 5 e 6: locais de despejo e coleta de lixo do conjunto Parque Encantado



Fonte: Próprio autor, trabalho de campo, setembro de 2024

Em relação ao fornecimento de água, foi constatado que, não existe fornecimento de água pela empresa de serviço de tratamento de água e esgoto, SAAE, por esse motivo as pessoas são obrigadas a contratar a abertura de poços artesianos ou comprar água mineral para seu uso diário, o conjunto conta com um reservatório mas segundo os moradores, nunca funcionou, a questão maior nesse sentido é com a qualidade dessa água, já que segundo o ministério da saúde a água retirada de poços artesianos contem grandes quantidades de vermes e parasitar, *“nós tem que mandar limpar o poço a cada 15 dias, porque a água que vem fica suja e não dá pra beber, aqui nós tem criança e gente doente e não é toda vez que temos dinheiro pra mandar limpar o poço mas os vizinhos ajudam*

quando um precisa o outro vai lá e fornece a água” (entrevistado A (48 anos) entrevista realizada em outubro de 2024)

Figura 7: Poço artesiano de morador do conjunto parque encantado



Fonte: próprio autor, trabalho de campo, setembro 2024

Essa questão de não fornecimento de água para as famílias do conjunto parque encantado se assemelha a energia elétrica, pois não há regularização de fornecimento e manutenção por parte do Grupo Equatorial Energia e tão pouco a de iluminação pública por parte da Prefeitura Municipal de Cametá, e por tanto não há cobrança, logo essa situação se torna perigosa, pois os próprios moradores fazem as ligações clandestinas em suas residências sem tomar os devidos cuidados e dessa forma colocando em risco suas vidas.

Além de sofrer pelos problemas até aqui relatados, o povo que mora no conjunto parque encantado até a data desta pesquisa, não conta com nenhuma Escola ou creche, sendo assim as crianças e seus pais tem que se deslocar por grandes distancias, até chegar à escola mais próxima, levando em consideração os meios de transporte utilizados por essas pessoas (ver página 34) não é difícil concluir que esse é mais um problema grave de falta de políticas públicas nesse lugar.

Em relação a segurança, tema abordado na pesquisa, perguntamos aos moradores como eles classificam a presença policial em seu bairro, as opções foram; razoável, boa, ótima, ruim e péssima, o resultado veremos no quadro 9.

Tabela 2: PERCENTUAL DE APROVAÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA NO CONJUNTO PARQUE ENCANTADO

Razoável	15	42,9%
Boa	8	22,9%
Ótima	0	0%
Ruim	7	20%
Péssima	5	14,2%
Total	35	100%

Fonte: trabalho de campo, 2024

Mesmo com todos os problemas conferidos no conjunto parque encantado, percebeu-se que essa parcela da população se sente bem em morar lá, a pesquisa não perguntou se essas pessoas gostariam de morar em outro lugar, mas foram unânimes quando perguntados se gostavam do lugar, com tudo, os entrevistados colocaram seus pontos de vista em relação ao que faltava melhorar em seu bairro, “ *nós precisamos aí dessa rua direto, nós precisamos de posto médico, falta uma creche mais perto aqui, a gente precisa disso, também um policiamento melhor, o esgoto que não tem, essa caixa, tem uma caixa grande aqui mas não tá funcionando né? Aí a gente precisa dessas coisas aqui*”. (entrevistado B (52 anos) trabalho de campo, 2024).

A abordagem seguinte da pesquisa foi sobre a assistência da prefeitura de Cametá em relação a infraestrutura, saúde, educação, saneamento básico e acessibilidade no conjunto, os entrevistados responderam (sim) ou (não) quando perguntados se o bairro

era bem assistido nesses casos pela prefeitura de Cametá e o resultado pode ser visto na tabela de aprovação por moradores.

Tabela 3: APROVAÇÃO DE ASSISTÊNCIA DA PREFEITURA DE CAMETÁ NO CONJUNTO PARQUE ENCANTADO.

OPÇÕES	ENTREVISTADOS	PERCENTUAL
SIM	7	20%
NÃO	28	80%
TOTAL	35	100%

De acordo com a tabela, a maioria dos moradores não veem uma boa assistência por parte da Prefeitura Municipal de Cametá em seu bairro, perguntados se gostariam de acrescenta mais algum comentário “olha, *é como eu estava falando, a questão da água que tem que melhorar e as ruas, porque agora no verão tá bom, mas no inverno vira um rio todinho aí*” (entrevistado C, 38 anos, trabalho de campo 2024).

O entrevistado C comentou que as ruas alagam no período de inverno como podemos observar nas figuras 4 e 5, mas não podemos culpar o tempo e o clima pelas dificuldades sofridas por essa gente, e sim buscar junto aos governantes e

legisladores da cidade, políticas públicas que melhorem a infraestrutura dos lugares mais carentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante pesquisa bibliográfica e trabalho em campo, podemos contatar que o conjunto parque encantado localizado na cidade de Cametá-PA sofre inúmeros problemas de infraestrutura, saúde, educação, acesso, segurança e outros, assim como milhares de periferias pelo Brasil a fora, isso é reflexo do processo de segregação socio espacial imposto ou induzido às camadas mais pobres da população, pois estas, são economicamente vulneráveis e não tem outra escolha a não ser procurar lugares de moradia mais baratos.

Tendo em vista a problemática tratada neste trabalho, que se refere a como o fenômeno da segregação socioespacial se manifesta em uma cidade ribeirinha, de porte médio, do interior da Amazônia oriental, esta pesquisa procurou identificar os motivos que levam a este fenômeno, onde se manifesta e a quem atinge, nesse sentido o trabalho analisou de forma parcial esta questão na cidade de Cametá-PA, obtendo resultados satisfatórios, qualitativos e quantitativos sobre o tema.

A segregação socio espacial é um tema amplo, onde muitas questões devem ser analisadas, neste caso podemos afirmar que os objetivos propostos por esse trabalho em identificar agentes os agentes envolvidos no processo de segregação social do espaço geográfico em questão, foram devidamente alcançados mediante pesquisa, que por sua vez, não foi fácil de ser realizada e isso envolve variadas questões como, chegar ao local da pesquisa, ser recebido por pessoas que se despusessem a ser entrevistadas, risco de sofrer abordagem suspeita, etc.

E mesmo com todas essas dificuldades, pretendemos avançar com essa pesquisa e dessa vez fazer um trabalho que nos mostre resultados de forma integral, abordando novos assuntos, pesquisando outros bairros, percebendo novas realidades, não apenas em Cametá, mais em outras cidades que compões a região do baixo Tocantins.

Além da demonstração efetiva deste trabalho que trata de questões urbanas, propomos aqui como tentativa de mitigação da segregação socioespacial na cidade de Cametá, a utilização deste trabalho por parte da prefeitura municipal como ferramenta útil no intuito de melhorias nas condições de vida das classes sociais vulneráveis, e como

primeiro ponto, proponho a utilização dos dados da pesquisa em relação ao acesso das pessoas a áreas mais afastadas da cidade, trabalhando desta forma pela criação de políticas públicas que forneça de forma concreta e integral uma infraestrutura de transporte que atenda toda a população, segundo ponto, regularização dos fornecimentos de água, energia elétrica e coleta de lixo, a pesquisa mostrou a falências destes serviços na área de estudo, terceiro ponto, construção de escolas, creches e posto de saúde no conjunto, pois estes serviços quando estão próximos a população facilitam a vida diárias, dando condições dignas para uma vivencia mais confortável e segura. Quarto ponto, com a implementação das sugestões a cima naturalmente a segurança nestes lugares segregados melhorarias, pois quando se tem saúde educação e acesso a assistências diversas o modo de vida se torna mais tranquilo.

REFERÊNCIAS

BECKER, B. **Amazônia**, São Paulo- SP: Ática, 1998

CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**, 2ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

CORRÊA, R. **O espaço Urbano**, São Paulo- SP: Ática, 1999

CARLOS, Ana Fani Alessandri. SOUZA Marcelo Lopes de. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A Produção do Espaço Urbano: Agentes e Processos, Escalas e Desafios**. 1.ed. 9ª Reimpressão, São Paulo-SP: Contexto, 2023.

GIDDENS, A. **Sociologia**, 6ª edição- Porto Alegre: Penso, 2012.

PADINHA, Marcel Ribeiro. **EM TERRAS PRÉCARIAS QUEM TEM POUCO É CENTRO: O papel das pequenas Cidades na rede Urbana Amazônica: Uma análise a partir de Cametá-PA**. 2010, 221f. dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2010.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo- SP: Edusp, 2020

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: Da critica da Geografia a uma Geografia critica**. São Paulo- SP: Edusp, 2012.

SANTOS M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. São Paulo-SP: Edusp, 2014

VASCONCELOS, Pedro de Almeida, CORRÊA Roberto Lobato, PINTAUDI, Silvana Maria. **A Cidade Contemporânea**: Segregação Espacial. 1. Ed. 2ª Reimpressão. Contexto, São Paulo-SP, 2022.

VILAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**, 2ª edição, São Paulo-SP: Studio Nobel: fapesp: linconl Istitute, 2001.

Contrato de habitação minha casa minha vida parque encantado Cameté-PA, Disponível em: https://www.caixa.gov.br/Downloads/habitacao-minha-casa-minha-vida/Empreendimentos_Contratados_PJ_31122014.pdf acesso em: 29/09/2024

Dados populacionais da cidade de Cameté-PA, Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=CAMET%C3%81>
Acesso em: 17/08/2024

Perigos da utilização de poços artesianos, Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/search?origem=form&SearchableText=po%C3%A7o%20artesiano> acesso em: 02/10/2024

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PESQUISA: SEGREGAÇÃO SOCIO ESPACIAL.
ORIENTADOR: DR MARCEL RIBEIRO PADINHA
PESQUISADOR IC: GIOVANI LOBO

Roteiro de perguntas

- 1- A quanto tempo você e sua família moram no Bairro/residencial Park Encantado?
- 2- Onde você e sua família moravam antes?
- 3- O que motivou a vinda de sua família para o Bairro/residencial?
- 4- Você ou alguém da sua família precisa se deslocar todos os dias para o centro da cidade para trabalhar?
- 5- Você está satisfeito(a) com o fornecimento de água e energia em seu bairro? (Sim) (não) por quê?
- 6- Você está satisfeito(a) com as condições da estrada de acesso ao conjunto habitacional? (Sim) (não) por quê?

- 7- Você está satisfeito(a) com o serviço de coleta de lixo no conjunto habitacional?
- 8- Qual é o seu meio de transporte preferencial quando precisa se deslocar para o centro da cidade?
- 9- Tem escolas ou creches em seu bairro? (Sim) (não)
- 10- Como você classificaria a segurança pública, a presença policial, em seu bairro? (Razoável) (boa) (ótima) (ruim) (péssima)
- 11- Você considera o seu bairro bem assistido pela prefeitura da cidade? Sim () não ()
- 12- Você e seus familiares gostam de morar no Bairro?
- 13- Em sua opinião o que precisa melhorar em seu Bairro?
- 14- Você gostaria de acrescentar algo que não lhe foi perguntado?